

Segunda Guerra Mundial e sua Influência no Rio Grande do Norte

André Valério Sales¹

A Base Aérea de Natal “teve *mais importância na vitória desta guerra do que qualquer outro lugar*”.

General Charles Gerardt (in. Câmara Cascudo, 1999, p. 424).

“As escolas, e os escritores de livros didáticos, ainda precisam aprofundar os estudos dos reais acontecimentos do conflito, não destacando somente o holocausto dos [mais de **6 milhões** de] judeus – um dos fatos mais relevantes da história da Humanidade –, mas o massacre dos ciganos, comunistas [mais de **20 milhões** de cidadãos russos mortos], homossexuais e outros grupos humanos”.

Marcos Silva (2004), historiador potiguar.



O famoso encontro de Roosevelt e Vargas, durante a 2ª Guerra, e a Maternidade Januário Cicco (Base do Exército dos EUA), ambos em Natal-RN.

O tema que me levou a produzir este trabalho intelectual de História e Memória, foi o de análise de toda a conjuntura histórica que, durante a 2ª Guerra Mundial (1938-1945), envolveu o Estado do Rio Grande do Norte, e principalmente sua capital, Natal nas circunstâncias daquela tragédia. Meu objetivo principal, após tantos esforços de pesquisas históricas (entre livros de testemunhas, depoimentos escritos, depoimentos orais - Entrevistas), é a de despertar a paixão dos jovens norte-rio-grandenses pelas suas raízes culturais e históricas, buscando ajudar a fortalecer a sua identidade enquanto cidadãos brasileiros.

Desse modo, escrevi o presente texto com a intenção de que ele seja o mais didático possível; esta também foi a causa de esta pesquisa ter sido elaborada sempre pensando que a leitura deveria ser compreensível por alunos do Ensino Médio, de modo que a leitura seja também acessível a uma ampla gama de leitores. Por meu interesse no ensino de nível médio, decidi acrescentar a esta biografia capítulos que resumem os fatos mais importantes que ocorreram antes e durante a 2ª Guerra: no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Norte, com a finalidade de que estes textos possam ser usados

¹ Possui os títulos de Graduação (UECE, 1991) e Mestrado em Serviço Social (UFPB, 1996). Tem 12 livros publicados (até 2019) acerca da História de Arez, do Rio Grande do Norte e da Vida e Obra de Câmara Cascudo. Em 2006, Afonso Romano de Sant'Anna lhe entregou o prêmio de **melhor livro cascudiano/antropológico do Rio Grande do Norte** (Prefeitura do Natal). Em 2019, o Prefeito de Natal, Álvaro Dias, lhe entregou o prêmio de melhor autor e livro acerca do Folclore e da Vida, Obra e Cascudianos.

nas escolas, separadamente, de acordo com as matérias que estejam sendo ensinadas pelos professores (História Geral, do Brasil, ou do RN).

Passados mais de 4 anos de pesquisas, conclui esta investigação histórica (revisada para o *ResearchGate* em 2023), **exaltando o mundo dos livros e o do cinema**, bastante contente com essa temática, principalmente porque o romance mais lido no momento – em todo o mundo – é *A Menina que Roubava Livros*, do australiano Marcus Zusak, no qual o autor conta exatamente a história dos sofrimentos físicos e psicológicos, causados pela 2ª *Guerra Mundial*, em civis inocentes, em soldados e suas famílias e em judeus prisioneiros, além de criticar com veemência a megalomania de Adolf Hitler.

Porém, independentemente de Marcus Zusak tentar desculpar um pouco a conivência da sociedade alemã com as determinações de Hitler e do nazismo, é absolutamente impossível apagar da História mundial que as **lideranças** de ditadores (totalitaristas) tais como Adolf Hitler, Benito Mussolini, ou Josef Stalin, não eram lideranças exclusivamente originárias do poder individualizado desses homens. Ou seja, não se pode esquecer que as lideranças daqueles ditadores eram perpassadas, de qualquer modo, também pela culpabilidade e **cumplicidade das elites**, civis e militares, daquelas respectivas sociedades (alemã, italiana, ou russa). Por exemplo, o historiador Roberto Lopez (1985: 42-43) ressalta que quando Mussolini foi nomeado 1º Ministro da Itália, em 1922, para impor a sua ditadura fascista obteve o *apoio da burguesia industrial e financeira* italianas e, passados apenas dois anos, em 1925 o regime ditatorial fascista estava socialmente imposto naquele país: Mussolini já era, então, um completo ditador.

O pesquisador William Waack (1995: 87) assegura, por sua vez, referindo-se ao nazismo de Hitler, que “Não há dúvidas de que *a maioria da população alemã se identificou com o regime e o apoiou*”. No RN, bem longe da Alemanha e Itália, a sociedade civil brasileira apoiou a Ditadura enorme de Getúlio Vargas, a de (1937-1945), assim como, sempre, veladamente, apoiou a Ditadura de 1964 (que perdurou até 1985).

Felizmente, ao final da 2ª Guerra Mundial, por ordem dos Estados Unidos, **tudo** o que restou de provas contra os assassinatos realizados nazistas, ao final da guerra, foi fotografado, filmado, etc., ou seja, registrado para o conhecimento das gerações futuras, com o interesse de que o mundo sempre lembrasse que uma das maiores lições que se tirou daquelas atrocidades foi justamente essa: **não esquecer jamais!** Steven Spielberg ajuda também, neste sentido de ter filmado até hoje, centenas de depoimentos de idosos na busca da preservação das memórias de Auschwitz. Eu, particularmente escrevi e publiquei neste *ResearchGate*, 3 outros textos sobre o tema (André Valério Sales, 2003, www.ResearchGate: 1) *Segunda Guerra Mundial* no Brasil, no Rio Grande do Norte e no Mundo; 2) *Segunda Guerra Mundial* e a tragédia do *Cruzador Bahia* (julho de 1945); 3) *Segunda Guerra Mundial: a Explosão do Cruzador Bahia* e a morte do marinheiro potiguar Milton Ferreira). Ver também: Sales, 2009; 2009a).

- Introdução:

Nessa época Histórica e estóica (da 2ª *Guerra* invadindo Natal e o RN), de muitos “apertos”, o Estado do Rio Grande do Norte teve um papel bastante destacado e ativo na história da 2ª *Guerra Mundial*. Neste sentido, tratarei agora da importante contribuição que o Estado proporcionou na vitória dos países Aliados; da posição estratégica da cidade de Natal em relação ao norte da África, o que fez com que os Estados Unidos ocupassem esta capital por cerca de 3 anos, entre 1942 e 1945; das mudanças sociais e econômicas que a guerra trouxe para Natal; das interações culturais entre americanos e potiguares, além dos transtornos psicológicos que a população teve que enfrentar por causa dos medos da guerra.

A posição geográfica de nosso Estado no continente americano era, segundo o Presidente Franklin Roosevelt, a de uma “área altamente estratégica” (Souza, 1999: 152), justamente por ser o ponto mais próximo da costa da África: a menos de 1.750 milhas marítimas de Dakar (capital do

Senegal); e a intenção dos países Aliados, naquela época, era combater os alemães a partir do Norte africano, visando a proximidade com a região Sul da Itália e da França. Um documento americano escrito naquele período afirmava que a área de Natal deveria “ser ocupada e mantida prioritariamente em relação a qualquer outra área do Brasil” (Tota, 2004: 10)². Anna Maria Cascudo-Barreto (2009: 18) confirma: “Mas voltemos à História. Sempre é válido destacar o papel da cidade do Natal e dos seus habitantes durante a Segunda Guerra Mundial. Localizada no litoral nordestino brasileiro, esquina do Atlântico, Natal foi reconhecida pela sua posição estratégica – a terra mais próxima da Europa e da África – de importância incomensurável para soluções bélicas internacionais. (...) Aviões seguiam o comboio marítimo servindo de cobertura e vigilância. E todos partiam das nossas terras ou passavam por aqui. Na defesa do Atlântico Sul e nas campanhas militares do norte da África, em incursões européias, Natal era o pouso. (...) A Força Aérea Brasileira (1942) instalou sua Base em Parnamirim, arredores de Natal. De lá, saíam aeronaves que definiram rumos e soluções.

Sabe-se que desde 1941, o Brasil já vinha cooperando com os Estados Unidos e a Inglaterra, fornecendo matérias-primas e alimentos; em 7 de dezembro de 1941, os japoneses atacaram a Base norte-americana de Pearl Harbor, o que levou os Estados Unidos a entrarem oficialmente na 2ª Grande Guerra.

Por causa do apoio brasileiro aos ingleses e americanos, já em 9 de dezembro de 1941 – dois dias depois do ataque a Pearl Harbor – navios mercantes brasileiros foram torpedeados, por ordem de Hitler, nas costas dos EUA e do Caribe. O resultado foi que em 28 de *janeiro* de **1942** o Brasil decidiu *romper* suas *relações* diplomáticas com os países do Eixo, passando a apoiar definitivamente os Estados Unidos e demais países Aliados.

Foi nesse período que Getúlio Vargas, buscando “tirar partido” daquela situação e obter “vantagens de tal aproximação” com os EUA, autorizou a **instalação de bases aéreas e navais** norte-americanas **no Nordeste** brasileiro, conseguindo, por exemplo, financiamentos para construir a Usina de Volta Redonda (Lopez, 1985: 111), ao mesmo tempo em que “permitiu que os Estados Unidos mudassem seu Quartel General do Atlântico Sul da Guiana Inglesa para **Natal**” (Mariz & Suassuna, 2002: 330).

Criada por Vargas em 2 de *março* de 1942, pelo decreto-lei nº 4.142, a Base Aérea de Natal, situada no espaço do então distrito de Parnamirim, iniciou suas atividades em 7 de agosto daquele ano (Siqueira, 2001: 116), quando os norte-americanos mudaram seu Quartel General para o Rio Grande do Norte.

Apenas para relembrar as decisões mais importantes tomadas por Vargas nesse período, já foi citado que em 15 de **junho** de 1942 houve o ataque dos nazistas a navios brasileiros que navegavam em território nacional. A 22 de **agosto** daquele ano, o Presidente declarou o “*estado* de beligerância” contra os países do Eixo; e em **31 de agosto de 1942**, por fim, Vargas decretou o ***Estado de Guerra*** contra a Alemanha, a Itália e o Japão.

Como parte daqueles acordos entre Brasil e Estados Unidos, Vargas permitiu a instalação da Base Aérea Norte-Americana em Natal, que foi chamada de *Parnamirim Field*. Além de a capital potiguar ser o ponto mais próximo de ligação entre a o continente americano e o norte da África, o que

² Sobre a 2ª Guerra Mundial no Rio Grande do Norte, para citar apenas os livros mais importantes que discutem o assunto, ver: Câmara Cascudo, *História da Cidade do Natal* (1999) e *História do Rio Grande do Norte* (1955); J. N. Aguiar, *Cidade em Black-Out* (1991); P. Lima, *Luís da Câmara Cascudo e a Questão Urbana em Natal* (2006); M. Mariz & L. E. Suassuna, *História do Rio Grande do Norte* (2002); T. N. Medeiros, *Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte* (1973); P. Melo, *Contribuição Norte-Americana à Vida Natalense* (1993); F. Pedreira, *Chiclete eu Misturo com Banana: Carnaval e Cotidiano de Guerra em Natal* (2005); L. B. Pinto, *Os Americanos em Natal* (1976) e *Natal'USA – II Guerra Mundial: A Participação do Brasil no Teatro de Operações do Atlântico Sul* (1995); C. Siqueira, *Guerreiros Potiguares: O Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial* (2001); C. Smith Júnior, *Trampolim da Vitória* (1992); A. P. Tota, *O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra* (2000); S. B. Trindade & J. G. Albuquerque, *Subsídios para o Estudo da História do Rio Grande do Norte* (2005).

facilitava a chegada dos aviões norte-americanos às proximidades da Europa, havia também a necessidade de combater a ameaça alemã de estabelecer uma *base de submarinos* na ilha de Fernando de Noronha, como já referido. Ou seja, a chamada “Operação Felix”, se fosse realizada pelos nazistas, ameaçaria a segurança de todo o continente americano.

A Base Aérea norte-americana de Parnamirim Field:

Segunda Guerra Mundial no Brasil, no Rio Grande do Norte e no Mundo; *Segunda Guerra Mundial* e sua Influência no Rio Grande do Norte; *Segunda Guerra Mundial* e a tragédia do *Cruzador Bahia* (julho de 1945); *Segunda Guerra Mundial*: a Explosão do *Cruzador Bahia* e a morte do marinheiro potiguar Milton Ferreira.

Por causa desses fatores anteriormente citados, a cidade de Natal passou então a ser usada pelos norte-americanos como um importante “ponto de passagem” entre os Estados Unidos e a África (Trindade & Albuquerque, 2005: 132).

Para se ter uma idéia das dimensões da Base Aérea Americana de Natal, sabemos por J. Quadros e Afonso Arinos de Melo Franco, no livro *História do Povo Brasileiro*, que aquele Aeroporto foi, “em certo momento, o mais movimentado do mundo e fator essencial da vitória aliada na África” (*apud* Medeiros, 1973: 189). Clyde Smith Júnior, em seu livro *Trampolim da Vitória* (1992: 73), acrescenta ainda que em 1942, em *Parnamirim Field*, os aviões aterrissavam “numa proporção de um a cada três minutos” (ver Siqueira, 2001: 115). No espaço habitável da Base residiam, permanentemente, de 2.500 a 2.700 militares norte-americanos.

Em sua visita a Natal – em 3 de agosto de 1946 – o General americano Dwight Eisenhower, que de 1941 a 1945 foi o General-em-Chefe dos Exércitos Aliados na Europa, declarou aos jornalistas que “**Natal teve**, como todos sabem, **grande influência na guerra**, possibilitando às Nações Unidas as maiores facilidades” (*apud* Cascudo, 1999: 426). Comprovo minha especialidade no estudo da obra cascudiana em SALES, A. V. (2007, 2007a, 2009, 2009a, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017).

E o General Charles Gerardt afirmou, em entrevista ao jornal *A República*, a 12 de julho de 1946, que a “Base Aérea de Natal teve **mais importância na vitória** desta guerra **do que outro qualquer lugar**” (*id.*: 424).

O escritor Câmara Cascudo (1898-1986) registrou em seu livro *História da Cidade do Natal* que o Aeroporto desta capital foi iniciado em 14 de outubro de **1927**, servindo inicialmente como campo de pouso para os aviões da empresa de aviação francesa *Latecoère*, depois chamada de *Air France*. Contudo, foi somente em março de **1942** que a Força Aérea Brasileira/FAB instalou, em Parnamirim, a sua **Base Aérea**³. Já a **Base Naval** do Natal, construída pelo Almirante Ari Parreiras em Refoles (no Alecrim), em setembro de **1942** já recebia os primeiros navios (Cascudo, 1999: 421-422; Siqueira, 2001: 111).

Além de ser um historiador reconhecidamente sério, Cascudo foi também testemunha ocular de todos aqueles acontecimentos da *2ª Guerra* em Natal. Portanto, seus depoimentos sobre este tema são inquestionáveis; inclusive, na década de 1940, além de ter realizado uma produção literária gigantesca, ele ainda teve tempo de trabalhar, desde 1942 até 1945, na Defesa Civil da cidade de Natal, conhecida como “Defesa Passiva”, que foi organizada a partir do decreto de 6 de fevereiro de 1942, visando a proteção da população da capital em caso de eventual ataque aéreo (Medeiros, 1973: 193; Siqueira, 2001: 107). A historiadora Flávia Pedreira (2005: 256) enfatiza que durante a *2ª Guerra* o professor

³ Em 20 de janeiro de 1941 o Presidente Vargas criou o Ministério da Aeronáutica, reunindo sob um único Ministério as aviações até então pertencentes à Marinha e ao Exército. Inicialmente chamada de Forças Aéreas Nacionais/FAN, já em maio do mesmo teve seu nome modificado para Força Aérea Brasileira/FAB. Durante a *2ª Guerra*, os aviões da FAB, “seguindo os comboios marítimos, estabeleciam o policiamento dos vãos, num trabalho constante de cobertura e vigilância” (Mariz & Suassuna, 2002: 330).

Cascudo se manifestou “politicamente *pró-aliados, colocando definitiva-mente uma pedra sobre a sua atuação como integralista na juventude*”⁴.

Sobre esse assunto, recordo que a escritora Rachel de Queiroz também viveu sua juventude durante aqueles anos, e ela conta que, naquela época, “havia então, na mocidade mais lida, mais intelectualizada, um sentimento, quase uma obrigação, de pertencer a algum movimento político”, no entanto, **as opções eram: “ou você era comunista ou era integralista”**, cada grupo sendo “mais radical” do que o outro. Ela explica ainda que “Na província principalmente [o Ceará], **os jovens que entravam para o integralismo eram atraídos pelo sentimento nacionalista, contra o colonialismo americano, inglês, europeu, etc. Depois da Segunda Guerra** é que as definições se tornaram mais limpas, mais nítidas: *o fascismo* deixou de ser uma solução ou uma fascinação e *passou a ser universalmente execrado*, sob a sua forma mais terrível, o nazismo” (Queiroz & Queiroz, 2004: 84-86)⁵.

Voltando à Base de *Parnamirim Field*, Câmara Cascudo (1999: 422) acrescenta, então, que do lado oposto à Base Aérea Brasileira, em Parnamirim – ou seja, do outro lado dos trilhos –, os norte-americanos construíram a sua própria Base Aérea. Nas palavras do professor Cascudo, durante a 2ª Guerra a Base de *Parnamirim Field* foi um ponto de apoio aos países Aliados “insubstituível” e “decisivo”. O autor ainda observa que ali ocorreu “a maior mobilização técnica obtida pelos Estados Unidos fora de seu território”; as pistas de *Parnamirim Field*, medindo 2 km de extensão, “facilitavam a decida imediata de **250 aviões**”; por dia, eram utilizados 100.000 litros de gasolina!

DATAS MEMORÁVEIS DO PERÍODO DA OCUPAÇÃO

NORTE-AMERICANA EM NATAL:

*Em 6 de janeiro de 1942, pousou na Base Aérea de Parnamirim o primeiro avião militar norte-americano, um B-17*⁶.

*No dia 2 de março de 1942 aconteceu o 1º black-out em Natal*⁷.

Em 22/05/1942 ocorreu o 1º combate entre um avião B-25 brasileiro e um submarino nazista, na região de Fernando de Noronha.

Os Presidentes Vargas e Roosevelt encontraram-se – no dia 28 de janeiro de 1943 – no Cruzador Humboldt, da Marinha Norte-Americana, ancorado no Porto de Natal.

⁴ No ano de 1936 o biógrafo Câmara Cascudo escreveu um livro sobre a vida e a obra do Conde italiano Ermano Stradelli (*Em Memória de Stradelli*). O Conde nasceu em 1852, na Itália; chegou ao Brasil em 1883; e morreu em Manaus, em 1926. Durante os 43 anos em que morou no Brasil, Stradelli foi um “etnógrafo amador, que dedicou espontaneamente grande parte da sua vida estudando a cultura amazônica” (Souza, 1998: 189). Cascudo destaca que aquele estudioso: “Dos setenta e quatro anos de existência, deu quarenta e três ao Amazonas”, estudando a cultura, a fauna e a flora daquela região inóspita do Brasil. Por todo esse trabalho voluntário, Stradelli não recebeu “Nenhum renome. Nenhuma glória. Nenhuma compensação. Chegou moço, robusto, alegre, rico”, tendo morrido doente e muito pobre. Por isso tudo, Cascudo acreditava que Ermano Stradelli merecia uma homenagem de seu país adotivo, o Brasil, e foi isto que o levou a escrever uma biografia do etnógrafo italiano (Cascudo, 1936: 19). De acordo com Itamar de Souza, “sensibilizado com o gesto magnânimo” de Câmara Cascudo, o Rei da Itália, Victor Emanuel III, “distinguiu-o com a comenda *Cruz de Cavaleiro da Coroa da Itália*”, que lhe foi entregue em uma solenidade, a 5 de abril de 1940, na residência do Vice-Cônsul da Itália em Natal, Guilherme Letieri (Souza, 1998: 190). Nas palavras do italiano Rocco Rosso: “Durante a Segunda Guerra Mundial, Cascudo *devolveu as comendas* de Comendador ao governo italiano, dizendo que *não era condigno de usá-la, pois os dois governos estavam em guerra*. (...) isto se deu na Confeitaria do português Olimpio, onde nós costumávamos todos os dias tomar um aperitivo e bater um papo” (in. Cascudo, 2007: 69). A filha do grande antropólogo potiguar também recorda que Cascudo “Levava tão a sério o sentimento de brasilidade, que devolveu todas as comendas recebidas pelo Governo Italiano” (Cascudo-Barreto, 2003: 130).

⁵ Sobre a relação de Cascudo com o Integralismo, na década de 1930, ver meu livro: *Câmara Cascudo: sua teoria folclórica, o método de pesquisa e sua relação política com as classes populares* (Sales, 2007) – no qual elaboro também uma densa biografia crítica do eminente antropólogo/historiador potiguar –, essencialmente no item “Um *Aparte* Acerca da Perspectiva Político-Partidária de Câmara Cascudo” (p. 124-134).

⁶ Ver Cleantho Siqueira (2001: 117).

⁷ Ver Tarcísio Medeiros (1973: 193) e Flávia Pedreira (2005: 155).

Em números que atualmente são considerados os mais próximos da realidade, sabe-se que havia mais de **600** prédios no complexo norte-americano em Natal (Mariz & Suassuna, 2002: 330; Pinto, 1995: 70). Segundo os números fornecidos por Câmara Cascudo (1999: 422-424), o complexo abrigava cerca de **10.000** homens⁸; e admira-se o historiador: “**Tudo** era **enorme**”; o “envio ininterrupto de armas, munições, matérias-primas [ocorria] em *tonelagem astronômica*”.

Foi somente em *1º de outubro de 1946* que a Força Aérea Brasileira assumiu o controle total sobre a Base Aérea de Parnamirim, depois de um ano que a *2ª Guerra* havia terminado (Pinto, 1995: 195).

As mudanças na configuração da cidade de Natal: o crescimento desordenado do espaço urbano e a divisão espacial das classes sociais:

Em meados da década de **1940** a cidade de Natal possuía cerca de *55 mil habitantes*, segundo os dados levantados por Homero Costa (1995: 79). A melhor descrição sobre a pacata vida dos natalenses durante os anos da *2ª Guerra Mundial*, de cunho memorialístico e etnográfico, mas sabiamente fundamentada na história, encontra-se no livro de Cleantho Siqueira (2001: 101 a 121): *Guerreiros Potiguaras: O Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial*.

Como relembra Anna Maria Cascudo (2009: 18-19): “A cidade [do Natal] cresceu em todos os sentidos, com a presença de contingentes militares brasileiros e Aliados e a construção das Bases Naval e Aérea. Natal se tornou uma das cidades mais conhecidas do mundo, notícia diária em toda a imprensa, peça fundamental no baralho guerreiro. Daqui partiam tropas para a batalha e patrulhamento”.

E acrescenta a filha do mestre Cascudo (que ajudou até na defesa civil daquela época), sobre os espaços urbanos então habitados pelas forças armadas e pelos EUA: “Aviões seguiam o comboio marítimo servindo de cobertura e vigilância. E todos partiam das nossas terras ou passavam por aqui. Na defesa do Atlântico Sul e nas campanhas militares do norte da África, em incursões europeias, Natal era o pouso. A Força Aérea Brasileira (1942) instalou sua Base em Parnamirim, arredores de Natal. De lá, saíam aeronaves que definiram rumos e soluções. A Marinha mandara o Almirante Ary Parreiras, já prevendo o conflito, criar a Base Naval do Natal em Refoles, em 22 de outubro de 1941. Criativo e honesto, foi um homem inesquecível. Recebeu caça-submarinos, construiu diques, edifícios, destróieres-escolta. Em todas as atividades, padrão de trabalho perfeito, administração impecável. Os norte-americanos criaram Base fluvial no Potengi. Lá abrigavam os grandes aviões de 36 horas de voo autônomo. **Transformaram o ambiente**. Surgiram casas, estaleiros, cais de atracação e subida para aviões anfíbios, armazéns, hospitais, cassinos. Era a Rampa da Limpa. Lá ficavam as patrulhas dos hidroaviões da Marinha, os famosos *Catalinas*. Imensos *B-29* que bombardearam Tóquio, tinham sido guardados nos ninhos altos do “Parnamirim Field”.

Naquela época, o suporte maior da economia potiguar era a produção de algodão, sal e cera de carnaúba; o historiador Tarcísio Medeiros (1918-2003) afirma que a *2ª Guerra Mundial* transformou o Rio Grande do Norte “em todos os aspectos de sua vida, sobretudo *sócio-econômico*”; as mudanças e o **progresso** alcançados pelo Estado foram, basicamente: “ampliação industrial; intensificação da

⁸ Os norte-americanos chegaram inclusive a mandar imprimir um jornal próprio, escrito em língua inglesa, o *Foreign Ferry News*. Impresso nas oficinas do jornal natalense *A República*, era um jornal de apenas uma edição semanal – que saía sempre aos domingos –, sendo voltado especificamente para o pessoal da Base Aérea Americana de Parnamirim. Segundo os dados fornecidos por Câmara Cascudo (1999:423), aquele informativo circulou desde 16 de abril de 1943 até 27 de maio de 1945. Eles também possuíam seu próprio corpo policial, a *Military Police (MP)*, que era constituída apenas por policiais norte-americanos; sua missão era cuidar exclusivamente de casos que envolvessem soldados dos Estados Unidos.

lavou, pecuária, de *extração de metais* necessários à indústria bélica; aumento e adaptação das vias de comunicações [estradas, ruas e avenidas]”, etc. (1973: 192-196).

Desse modo, os contatos dos natalenses com os norte-americanos, e demais estrangeiros que ocuparam a cidade durante a guerra, proporcionaram a Natal, em termos de **desenvolvimento urbano**, um grande impulso ao comércio, à produção de matérias primas e à extração de minérios em escala industrial; fez também desenvolver a malha ferroviária e rodoviária urbana; além de ter havido a criação/melhoramento de outros serviços, tais como: energia elétrica, abastecimento de água, telefonia, emissora de rádio, jornais, telégrafos, correios, hospitais, assistência social aos desvalidos, etc. Porém, todas essas melhorias, ou “progressos”, trouxeram melhorias para a qualidade de vida, sobretudo, dos habitantes dos bairros mais antigos da cidade, já consolidados.

Paralelamente àqueles “progressos”, no entanto, houve também o *inchamento* populacional e habitacional da cidade, ocorrendo o processo que Maria do Livramento Clementino (1993: 103-127) chamou de “urbanização precoce”. Junto com essa urbanização precoce e com aquele inchamento populacional, vieram as conseqüências funestas: o crescimento desorganizado do espaço urbano e a divisão espacial das classes sociais – com os mais abastados residindo nas áreas centrais de Natal, enquanto os mais pobres eram **excluídos** para a periferia, instalando-se em locais precários, ou sem a oferta de serviços públicos básicos, como saneamento, energia elétrica, acesso a hospitais e escolas, etc.

O crescimento desordenado do espaço urbano em Natal na época da 2ª Guerra:

Com os grandes investimentos aplicados no desenvolvimento urbano, em vistas da construção da Base Aérea Americana de Parnamirim, Natal foi transformada, em curto espaço de tempo, em um grande pólo de atração, por isso, a população cresceu de aproximadamente **55 mil** habitantes, nos anos **1940**, para mais de **100 mil** pessoas, na década de **1950** (Souza, 1999: 161; Ferreira *et al.*, 2008: 211). Além disso, entre 1941 e 1945 o desembarque das tropas norte-americanas em Natal “coincidiu com o fluxo migratório do interior” para a capital, devido à *seca*, “fazendo **dobrar a população da cidade**” (Pedreira, 2005: 110).

Sabe-se que cerca de **40 mil** pessoas trabalharam na construção de *Parnamirim Field*, “entre civis e militares de vários países”, e que muitos daqueles trabalhadores construíram suas casas nos arredores da Base, “*sem nenhuma obediência a planos urbanísticos* ou sistema de higiene” (Souza, 1999: 154). Do outro lado da cidade, os bairros ribeirinhos de Natal também foram influenciados por aquele movimento de guerra, já que os norte-americanos fizeram uma Base fluvial para hidroaviões na desembocadura do Rio Potengi (na Praia da Limpa, ou Montagem, também chamada de Rampa da Limpa).

Com base nas idéias de Câmara Cascudo, Pedro de Lima demonstra – em seu livro *Luís da Câmara Cascudo e a Questão Urbana em Natal* – que a ocupação norte-americana trouxe para Natal, além de modernidade, tecnologias, e influências nos costumes locais: uma mudança na “fisionomia da cidade e condicionou, desde então, a sua urbanização” (Lima, 2006: 146).

Infelizmente, tal inchamento populacional não foi acompanhado das devidas providências, por parte dos poderes públicos, em termos de ordenação de um *planejamento urbano satisfatório*. Portanto, a ocupação dos norte-americanos transformou “irremediavelmente” a cidade de Natal: o “crescimento repentino da população intensificou a demanda, principalmente, por energia, alimentos, transportes e moradias” (Lima, 2006: 152), ou seja, foi com o “significativo aumento da população” da cidade que também **se esgotou** “a capacidade de abastecimento de água, energia e alimentos, impondo-se o racionamento de sua distribuição” (*id.*: 145)⁹.

⁹ Ver também, Ângela Lúcia Ferreira *et al* (2008: 209 a 213): *Uma Cidade Tão Bela – A Trajetória do Saneamento de Natal/1850 a 1969*.

A divisão das classes sociais no espaço urbano e o crescimento da pobreza, nos anos da 2ª Guerra Mundial:

Ainda de acordo com o arquiteto Pedro de Lima (2006: 145), em Natal “a maior parte das obras de infra-estrutura e de instalações de suporte ao *esforço de guerra*” foram realizadas no espaço de apenas dois anos, entre de **1942** e **1943**, e após esse período, a cidade cresceu bastante em termos populacionais, ao mesmo tempo em que cresceu também o número de desempregados e dos retirantes da seca (ver também Ferreira *et al.*, 2008: 213). A historiadora Flávia Pedreira (2005: 161) registra que “até o final da guerra [em 1945] os jornais continuaram a noticiar o intenso fluxo de migrantes do interior do estado para Natal”.

Já no caso das classes mais abastadas, tratando-se, por exemplo, apenas acerca da extração de *minérios* (sem falar do setor imobiliário e dos comerciantes), Câmara Cascudo (1955: 227) assinala que o mercado dos minérios, durante a 2ª Guerra, rendeu “milhões e milhões” para as “fortunas privadas”, assim como ajudou muito no reforço das finanças do Estado. Segundo aquele escritor, a “indústria da guerra”, de modo geral, com sua contribuição ao aumento das “rendas públicas, “salvou” financeiramente o Estado, além de ter feito surgir “**várias fortunas privadas**”.

Por outro lado, depois que a 2ª Guerra terminou, em Natal a situação das camadas excluídas da sociedade piorou ainda mais, pois os norte-americanos deixaram para trás, em seu rastro, uma cidade *inchada*, que foi super-desenvolvida em pouco tempo (por causa do “esforço de guerra”), e que também foi rapidamente *esvaziada*, com a saída dos combatentes. Como observa o escritor Rafael Duarte (2005: 3), apesar de alguns pesquisadores defenderem que houve progresso para a cidade, “o período em que a capital recebeu os estrangeiros *deixou um rastro assustador*”! Com o fim da guerra, “a crise de desemprego se agravou, e as atividades econômicas urbanas se retraíram. *O clima de progresso se esvaiu, mostrando-se falso e efêmero*”. (Lima, 2006: 145; ver também Clementino, 1993; Ferreira *et al.*, 2008: 213).

Além das conseqüências da guerra, também a *seca de 1942* fez com que a migração do interior do Estado para a capital crescesse enormemente, como já citado. Portanto, esse contingente de pessoas, chamadas de *retirantes da seca* – “expulsas do campo pela seca” –, ao chegarem a Natal em número cada vez maior, daquele ano em diante somente “aumentaram o tamanho da população pobre” (Lima, 2006: 115). Nas palavras de Rafael Duarte (2005: 3): tal situação contribuiu para que “centenas de pessoas passassem a viver nas ruas, sem condições de vida. Estima-se que existiam [naquela época] cerca de **3 mil flagelados** nas ruas da capital”, o que tornava a situação bastante “caótica”. Em resumo: durante a 2ª Guerra Mundial, na capital potiguar “Ao mesmo tempo em que alguns setores [comércio, imobiliárias, minérios] fizeram riquezas, *cresceu o contingente de pessoas pobres e desempregadas*” (Lima, 2006: 145), os chamados despossuídos, ou excluídos sociais.

Como já foi mencionado antes, no período da guerra aumentaram os preços dos alimentos em Natal; cresceu também a procura por imóveis; o número de habitantes dobrou, assim como o tamanho da cidade; “ao mesmo tempo em que a presença de uma população **pobre** ganhou mais visibilidade”. Ou seja, desenvolveu-se na capital “um mercado de terras e, com ele, a especulação imobiliária, ao tempo em que se evidenciam os processos de **exclusão social** e espacial” (Lima, 2006: 26-27). Com a alta dos preços, os comerciantes, e principalmente o setor imobiliário, ganharam muito dinheiro (em dólar, inclusive), no entanto, ainda segundo Pedro de Lima (2006: 113): “a grande massa de trabalhadores, atraídos [que foram] pelas obras em Natal e Parnamirim, ficou *à margem* desse surto de crescimento econômico. A maior parte dessas obras foi realizada nos dois primeiros anos da ocupação (1942 e 1943), depois cessaram as possibilidades de trabalho”.

Apesar de todos esses problemas acima relacionados, não se pode negar que mesmo cheia de “ambigüidades e contradições”, a “perspectiva de *modernização* do Brasil”, de modo geral, e

particularmente no Rio Grande do Norte, “surtiu com a entrada do país na II Guerra mundial” (*id.*: 121).

Mesmo assim, também é verdade que aquela Natal diferente, mais “moderna”, cheia de “progressos” – que foi obrigada a crescer com a ocupação norte-americana na 2ª Guerra – passou a crescer e a se desenvolver, porém, a partir de “um processo de modernização que trazia exteriorizações de modernidade e preservava *marcas de atraso*; que produzia riquezas para alguns e mantinha muitos *excluídos*” (*id.*: 144-145).

Também por causa daquela “urbanização precoce”, anteriormente citada, e por todos os problemas sociais dela advindos, é que foi criado o Curso de Serviço Social no Rio Grande do Norte. Dessa forma, pode-se apontar como uma das conseqüências importantes daquele “rastros assustador”, deixado pela 2ª Guerra Mundial no nosso Estado – juntamente com os problemas gerados pela grande migração para Natal dos “flagelados” da seca de 1942: **a criação do curso superior de Serviço Social, em 2 de junho de 1945**, objetivando *profissionalizar* a assistência social, que até aquela data era tanto um trabalho exercido por amadores quanto institucionalmente desorganizado.

Segundo Rafael Duarte (2005: 3), o Curso iniciou-se “a partir da necessidade urgente de amenizar os efeitos da passagem norte-americana em Natal durante a II Guerra Mundial e da grande seca que abateu o interior do Rio Grande do Norte em [1942 e] 1945”, portanto, era preciso iniciar aqui no Estado, como já existia em São Paulo e no Rio de Janeiro, a “formação de profissionais especializados e engajados nas questões sociais que afligiam Natal no período pós-guerra”; a intenção era a de “criar quadros que contribuíssem para diminuir os efeitos do pós-guerra”.

De acordo com Duarte (*id.*: 3), “Em meio ao *caos* vivido em Natal, **o Governo** – regido pelo interventor militar, general Fernandes Dantas – **se omitiu** e foi incapaz de investir ou reordenar a situação”. Até então, a assistência aos pobres “ocorria apenas na forma de caridade e por voluntários”, de modo que a profissionalização da assistência passou a ser vista “como instrumento importante”, embora predominasse, nas ações desenvolvidas pelo Serviço Social daquele tempo, o *assistencialismo* – que é, até hoje, um dos sérios problemas enfrentados por essa categoria profissional.

Os transtornos psicológicos causados nos moradores de Natal, durante a ocupação norte-americana, por causa da situação constante de angústia e medo da 2ª guerra:

Depois de mais de 4 anos pesquisando essa temática, descobri que é muito importante denunciar a irracionalidade de terem morrido tantos milhões de pessoas na 2ª Guerra, principalmente os civis inocentes. No entanto, quando o assunto são as guerras, não se pode deixar de denunciar também que elas deixam seqüelas psicológicas em todas as pessoas que delas participam, ou que nelas foram envolvidas diretamente.

Por isso, considere importante abrir aqui um espaço para tratar dos transtornos psicológicos e do sofrimento concreto que a população de Natal foi obrigada a passar durante a 2ª Guerra, como, por exemplo, nos momentos de *black-out*. Querendo ou não, a população da capital potiguar foi diretamente envolvida naquela guerra.

Como já citado, Rafael Duarte afirma que durante a ocupação norte-americana em Natal, ainda que muitos estudiosos potiguares defendam que houve vários progressos na cidade, na verdade, “o período em que a capital recebeu os estrangeiros **deixou um rastros assustador**”! (2005: 3).

O historiador da UFTN-IHG-RN Cláudio Galvão relembra assim daquela época, na qual ainda era criança: “menino em Natal naqueles tempos pesados, senti os **medos** de meus pais, vi o escuro dos blecautes e me deslumbrei com o inesquecível bailar dos fachos luminosos dos holofotes cruzando os céus em busca de **aviões inimigos**. Não tinha [mos] ideia do que poderia acontecer em Natal...” (2009: 14, o negrito é meu).

E o mestre Cascudo, testemunha presencial e trabalhadora em Natal, durante a Segunda Guerra, escreveu que registrou seu pai que: “A população inteira [de Natal] correspondeu ao momento

difícil. Tudo apareceu: guardas voluntários, abrigos públicos, cursos de alertadores, polícia de Black-out. E na qualidade de participante e testemunha ocular daquele momento histórico, Cascudo acrescentava: “Logicamente havia uma **preocupação constante**. Boatos de invasões, **bombardeamentos**. **Stress profundo**” (Cascudo, Anna Maria, 2009: 19, negritos meus).

Voltando à questão do crescimento populacional desordenado, por exemplo, a historiadora Flávia Pedreira ressalta que a convivência com os norte-americanos “*afetou o cotidiano* de toda a população local”. Os habitantes da capital foram obrigados a enfrentar: crise de abastecimento de alimentos, racionamento generalizado (de energia elétrica, água, etc.), um “absurdo aumento nos preços”, tanto de alimentos quanto de aluguéis, crise nos transportes (que gerou muitos “sofrimentos” e “prejuízos”), etc. Mas era mesmo o racionamento dos alimentos que se fazia “sentir de maneira muito **dolorosa** principalmente pela população de baixa renda” (2005: 110-111).

Inclusive, é interessante citar que tal situação de racionamento – na qual faltavam diversos artigos de primeira necessidade – atingia não somente Natal, mas se espalhava por todo o país. Sobre isso, o testemunho da escritora Rachel de Queiroz é bastante esclarecedor: morando no Ceará, e viajando sempre ao Rio de Janeiro, ela relembra que “por causa da guerra o combustível era racionado. **Em todo o país** se racionavam também a manteiga, a carne, o açúcar” (Queiroz & Queiroz, 2004: 156).

Pelo menos no caso da cidade de Natal, não se pode negar que os moradores da cidade eram *obrigados* a participar da 2ª Guerra Mundial sem querer, compulsoriamente; e que sua convivência com a situação de guerra e com os soldados estrangeiros era um “**convívio forçado**” (Pedreira, 2005: 263).

Quanto aos transtornos psicológicos provocados nos natalenses, sabemos também que a “população sentiu de perto o clima de guerra pela *ameaça alemã de bombardear a cidade*” (Trindade & Albuquerque, 2005: 132).

Nas palavras de uma testemunha ocular, Edilson Cid Varela, Natal era “uma **cidade ameaçada** que **vivia em ambiente de guerra**”: havia os exercícios de *black-out*, que eram “quase diários”; ocorreu a grande movimentação causada pela chegada de milhares de soldados norte-americanos; além do meso ocasionado pelas constantes “notícias de um **iminente ataque** à Cidade, *por parte dos alemães* que se acreditava já estivessem em Dakar”. Edilson Varela relembra também que na capital potiguar “Vivíamos e respirávamos a guerra com todas as suas complicações; **sentimos o conflito na própria carne** (...) presenciávamos a chegada quase ininterrupta de naufragos de navios torpedeados, ou de vítimas de combate nas linhas-de-frente” (*in.* Lenine Pinto, 1976: 6).

Pedro de Lima (2006: 127) ressalta ainda que, por aquela época, existia o objetivo de “manter a população natalense num *estado psicológico de mobilização permanente*”.

A escritora Rachel de Queiroz, outra testemunha ocular daqueles acontecimentos, assegura que “tudo o que houve aqui [no Brasil] durante os governos militares, a tortura, os assassinatos, os desaparecimentos de pessoas, etc., não chegou àquele **clima de terror** que atravessávamos durante a Segunda Grande Guerra”. Inclusive, ela acrescenta que além de todos aqueles soldados que foram lutar na 2ª Guerra, “**Nós também** [os civis brasileiros] **sofremos muito**” (Queiroz & Queiroz, 2004: 146).

Outro exemplo que revela os transtornos psicológicos causados nos moradores de Natal, pelo medo da guerra e da morte, foram os exercícios de *black-out*, como já citado antes. Os treinamentos para situações de *black-out* foram iniciados na capital desde 2 de março de 1942, pois a população deveria aprender a como se comportar nos momentos de *black-out*, para o caso de ser necessário usá-lo em uma situação real de ataque inimigo.

Desse modo, mesmo não havendo ataque algum, os exercícios de *black-outs* eram verdadeiros, e incomodavam a todos os moradores da cidade. As datas para acontecerem tais treinamentos eram anunciadas antecipadamente pelos jornais e rádios; os apagões começavam mais ou menos às 8 horas da noite, sendo previstos para durarem por cerca de meia hora. Depois de tocadas as sirenes – postas em lugares estratégicos da capital –, todas as luzes da cidade deveriam permanecer apagadas, tanto nas

residências quanto nos prédios públicos; todos os transportes deveriam ser paralisados, etc. (ver Siqueira, 2001: 119).

Como parte essencial do treinamento, visando torná-lo o mais “realista” possível – e, portanto, mais angustiante para a população –, durante o *black-out* uma esquadrilha de aviões sobrevoava a cidade, dando a impressão de ser um “ataque real” dos nazistas (Pedreira, 2005: 155; Siqueira, 2001: 119). Imagine então o leitor quantos transtornos os moradores de Natal, obrigatoriamente, tinham que suportar naqueles momentos...

Relembrando aqueles momentos de exercícios de *black-out* na capital potiguar, a testemunha ocular Cleantho Siqueira ressalta: “Era o *black-out*... aquela **angústia**... porque se imaginava que poderia haver uma incursão aérea, *aviões nazistas virem bombardear Natal* e isso trazia uma **preocupação permanente**, de modo que a população foi treinada pra enfrentar um possível, eventual ataque aéreo”. Siqueira também recorda que houve um dia em que as sirenes foram tocadas por engano, sem aviso prévio, e que esse erro causou “grande **transtorno** e correria, deixando um rastro de pavor e pânico entre a população” (in. Pedreira, 2005: 154-157).

Também testemunha ocular daqueles fatos, o historiador Tarcísio Medeiros (1973: 193) acrescenta que “A partir de então, numa atmosfera candente de guerra, até aproximadamente maio de 1943, a cidade viveu em **black-out ininterrupto**, enquanto durou a guerra na África”. Aconteceu até mesmo que muitos moradores de Natal, com medo das conseqüências do “estado de guerra” que tomou conta da cidade, “**fugiram** para o interior do Estado”.

Em seu livro *Guerreiros Potiguares: O Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial*, Clentho Siqueira (2001: 119) relembra que, para os habitantes de Natal, aqueles dias eram “incertos e tumultuosos”, pois todos tiveram que suportar “**tormentosos momentos**”, com seus “**efeitos negativos** atuando sobre uma *população inteira*” que foi obrigada a passar por um “longo período de **angustiante expectativa**, motivada pela ameaça nazista de violação do espaço aéreo brasileiro”. E resume o escritor: foi uma “**trágica época de sofrimento**”!

Buscando uma analogia que ajude o leitor a entender melhor tais **sensações de transtorno**, pode-se dizer que aquelas eram as mesmas sensações experimentadas por pessoas que moram nas proximidades de um vulcão ativo. Ou seja, por mais que os moradores de Natal tentassem levar as suas vidas como se nada estivesse acontecendo, pesava sobre elas, dia após dia, a **ansiedade** constante de saber que a qualquer momento o desastre poderia bater em suas portas. E o pior é que essas sensações de *medo* e *angústia* eram, nas palavras de Cleantho Siqueira, “preocupações **permanentes**”; e se estas eram emoções que acompanhavam fatalmente os exercícios de *black-out*, pode-se inferir então, pelo depoimento de Tarcísio Medeiros, que eram emoções negativas também “**ininterruptas**”.

Portanto, aqueles natalenses que não fugiram para o interior do Estado, que não quiseram abandonar seus lares, e continuaram morando em sua cidade – ocupada por milhares de norte-americanos e seus milhares de barulhentos aviões –, se sentiam, o tempo todo, **como se morassem junto a um vulcão ativo, prestes a entrar em erupção**.

Interações culturais entre americanos e potiguares:

Afora as situações já referidas, predominantemente angustiantes, há que se destacar que nas relações entre natalenses e norte-americanos durante a 2ª Guerra, querendo-se ou não, ocorreu ao mesmo tempo uma **intensa interação cultural**.

A historiadora Flávia Pedreira enfatiza que a ocupação norte-americana em Natal foi uma “ocupação **física e cultural**” (2005: 264), e assegura que “Sem dúvida, nesse período de guerra em Natal, houve uma *reciprocidade de influências* entre a população nativa e os estrangeiros, em se tratando de manifestações culturais”, no entanto, não podemos esquecer que aquele também foi um tempo em que norte-americanos e brasileiros viveram um “**conturbado cotidiano** de guerra” – em vistas, inclusive, do já citado *convívio forçado*. A autora ainda afirma, com base em suas pesquisas, que

houve “inúmeros exemplos de desavenças e até mesmo a ocorrência de crimes eram comuns em todos os espaços da cidade”, inclusive nos “mais notáveis salões de baile” (*id.*: 254).

Sendo assim, nesse ponto do trabalho interessa-me tratar das interações pacíficas que aconteceram entre aquelas diferentes culturas. A mistura de povos e hábitos distintos modificou também vários costumes tradicionais da população de Natal, como, por exemplo: a segunda língua mais usada na cidade, até então, era o francês, depois da 2ª Guerra, passou a ser o inglês; esportes como o *Volleyball* e o *Basquet-Ball* tornaram-se “moda”; no cinema, os filmes mais vistos antes, eram os europeus, mas, após a guerra, passaram a ser os norte-americanos – uma preferência que foi estimulada, também, porque naquela época passaram por Natal famosos personagens de Hollywood, como: Beth Davis, Humprey Bogart, Marlene Dietrich, etc. (Mariz & Suassuna, 2002: 333-334; ver Siqueira, 2001: 121). O sociólogo Itamar de Souza (1999: 161) observa que aquela foi “uma época de progresso e de *integração internacional*”.

Tantas interações culturais influíram também, por exemplo, na forma de os natalenses usarem suas roupas e de pentearem seus cabelos: depois da guerra passou-se a aceitar o uso – em público – de roupas mais despojadas (como bermudas e chinelos, etc.), e os rapazes, que antes usavam gel para manterem lisos os seus cabelos, após a guerra passaram a admirar mais os cabelos soltos, etc.

O pesquisador Lenine Barros Pinto, em seu livro *Natal, USA – II Guerra Mundial*, registra que na capital potiguar “algumas mudanças mostraram-se irreversíveis”: o francês foi substituído pelo inglês, que “tornara-se a linguagem comercial do mundo”; abandonou-se o uso de gravatas, chapéus e da “brilhanina” nos cabelos, já que “As garotas preferiam agora os cabelos [dos homens] soltos”, ao invés de “emplastados”; também findava o prestígio da cultura francesa, pois seus escritores, filmes e músicas, em relação aos norte-americanos, ficaram em segundo plano, etc. Findada a guerra, a preferência passou a ser pelos escritores, atores e cantores norte-americanos. E o autor conclui afirmando que “Para as más línguas, havíamos nos tornado **americanalhados**” (1995: 200-201). Findando com um testemunho sobre Natal e o RN nesta guerra, Anna Cascudo lembra que: “Natal é titulada, com justiça, **Trampolim da Vitória**. Pela presença reconhecida em ações aliadas. Avaliar o que foram Natal e Parnamirim para a vitória é impossível...” (2009: 19).

- Conclusões:

Nas palavras do cineasta Steven Spielberg (1998: 10), o holocausto judeu “foi uma *brutalidade* que não encontra paralelo na história humana, especialmente pelos métodos de extermínio em escala industrial empregados pelos carrascos de Hitler”. Por isso mesmo, ao findar a 2ª Guerra, todas as barbaridades cometidas pelos nazistas que ainda puderam ser registradas, foram então fotografadas, filmadas, etc., exatamente porque uma das maiores lições que se tirou de todos daqueles crimes foi: **não esquecer jamais!**

Como já enfatizou a modelo alemã Cláudia Schiffer (1996: 9): “os episódios da II Guerra Mundial fazem parte de **um passado que não deve ser esquecido**, até para que não se repita”.

Mesmo que já se tenha passado quase oito décadas do final da 2ª Guerra, pairam ainda sobre as nossas consciências as enigmáticas perguntas: quais foram as razões que levaram uma nação que foi berço dos maiores filósofos e músicos da história a se render a uma ideologia que pregava o ódio e a intolerância? Como podem as diferenças entre seres humanos tornarem-se desculpas para que atos bárbaros sejam cometidos? O que leva uma pessoa aparentemente normal a matar a sangue-frio um ser humano, seu semelhante, como se fosse um inseto?

Elaborado mais ou menos nessa acepção cômica, relatada por Lenine Pinto, acho interessante citar o filme *For All: O Trampolim da Vitória* (Brasil, 1997), dos Diretores Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz. Ganhador do Prêmio “Kikito de Ouro” de Melhor Filme do Festival de Gramado (1998), e do Prêmio de Melhor Filme do Festival de Cinema de Miami (EUA), dentre diversas outras premiações, o

longa-metragem é importante porque mostra, na época da 2ª *Guerra Mundial*, traços de como era a vida cotidiana em Natal e na Base Aérea dos Estados Unidos em Parnamirim; também são abordadas as questões da influência cultural dos norte-americanos na cidade: seus filmes preferidos, suas músicas, os inevitáveis casos amorosos com moças potiguares (alguns terminando em casamento!), etc.

Particularmente, e por fim, sempre vou possuir a *esperança* “imortal” de que *as monstruosidades cometidas por Hitler e pelo nazismo* contra os judeus, russos e demais minorias sociais, durante a 2ª Grande Guerra, *jamais venham a se repetir entre os seres humanos!*

Lembrando e parafrasando Cláudio Galvão e o Campo de Concentração em *Dachau* (Alemanha):

AUSCHWITZ NUNCA MAIS!

Referências:

AGUIAR, José Nazareno Moreira. *Cidade em Black-Out*. Natal: EdUFRN, 1991.

BLANC, Cláudio. “A Alemanha após a Primeira Guerra”. *Grandes Líderes da História: Adolf Hitler*. São Paulo: Arte Antiga, 2007, Ano 2, nº 21.

BOSCOV, Isabela. “O monstro, a secretária e o cãozinho”. *Veja*. São Paulo: Abril, semanal, 04/05/2005.

CASCUDO-BARRETO, Anna Maria. “Prefácio”. In.: SALES, André Valério. *Segunda Guerra Mundial: O Torpedeamento Do Cruzador “Bahia”, Pelos Nazistas e a História de um Herói Potiguar*. EdUFPB : João Pessoa-PB, Brazil, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. *No Caminho do Avião – Notas de Reportagem Aérea (1922-1933)*. Natal: EdUFRN, 2007.

_____. *História da Cidade do Natal*. 3ª ed. Natal: RN/Econômico, 1999.

_____. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

_____. *Em Memória de Stradelli*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1936.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. “Impacto urbano de uma base militar: A mobilização militar em Natal durante a Segunda Grande Guerra”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 412, 1993.

COSTA, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o Primeiro Ato da Tragédia*. São Paulo: Ensaio/Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1995.

DUARTE, Rafael. “Curso de Serviço Social faz 60 anos no Estado”. *Diário de Natal*. Natal, Quinta Feira, 2 de junho de 2005.

FERREIRA, Ângela L.; EDUARDO, Anna R. B.; DIAS, Ana C. D.; DANTAS, George A. F. *Uma Cidade Tão Bela – A Trajetória do Saneamento de Natal (1850 a 1969)*. Natal: IAB/CREA-RN, 2008.

GALVÃO, Cláudio Augusto P. *Campo da Esperança*. Bauru: EdUSC, 1999.

_____. “Prefácio”. In.: SALES, Segunda Guerra Mundial: *O Torpedeamento Do Cruzador “Bahia”, Pelos Nazistas e a História de um Herói Potiguar*. EdUFPB : João Pessoa-PB, Brazil, 2009.

ILIMA, Pedro de. *Luís da Câmara Cascudo e a Questão Urbana em Natal*. Natal: EdUFRN, 2006.

LINS NETO, Pedro. *Maranduva*. Natal: Gráfica União, 2006.

_____. *Em Cada Coração Uma Saudade*. Natal: EdUFRN, 1997.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Século XX*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. (Série Revisão, nº 11).

MARIZ, Marlene da Silva & SUASSUNA, Luiz Eduardo B. *História do Rio Grande do Norte*. Natal, Sebo Vermelho, 2002.

MEDEIROS, Tarcísio da Natividade. *Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte*. Natal: Imprensa Universitária, 1973.

MELO, Protásio Pinheiro. *Contribuição Norte-Americana à Vida Natalense*. Brasília: Senado Federal, 1993.

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu Misturo com Banana: Carnaval e Cotidiano de Guerra em Natal (1920-1945)*. Natal: EdUFRN, 2005.

PINTO, Lenine Barros. *Natal'USA – II Guerra Mundial: A Participação do Brasil no Teatro de Operações do Atlântico Sul*. Natal: RN Econômico, 1995.

_____. *Os Americanos em Natal*. Natal: Edição do Autor, 1976.

QUEIROZ, Rachel & QUEIROZ, Maria Luíza. *Tantos Anos: Uma Biografia*. 4ª ed. São Paulo: Arx, 2004.

SALES, André Valério. *Câmara Cascudo: O Que é Folclore, Lenda, Mito e a Presença Lendária dos Holandeses no Brasil*. João Pessoa: EdUFPB, 2007. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *Câmara Cascudo: Sua Teoria Folclórica, o Método de Pesquisa e Sua Relação com as Classes Populares*. João Pessoa: EdUFPB, 2007a. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *2ª Guerra Mundial: O Torpedeamento do Cruzador Bahia pelos Nazistas e a História de um Herói Potiguar*. João Pessoa: EdUFPB, 2009. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *Segunda Guerra Mundial: a Explosão do Cruzador Bahia e a morte do marinheiro potiguar Milton Ferreira*. João Pessoa: EdUFPB, 2009a. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *Canudos, Os Sertões e a História de um Herói Potiguar*. João Pessoa: EdUFPB, 2010. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *Lugares e Personalidades Históricas de Arez/RN*. João Pessoa: EdUFPB, 2012. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *Câmara Cascudo e Seu Erudito Preparo Linguístico no Romance Canto de Muro*. João Pessoa: Mídia, 2013. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *Câmara Cascudo e Hábitos Judaicos Presentes no Cotidiano dos Brasileiros e em Arez/RN*. João Pessoa: Mídia/Natal: União Brasileira de Escritores, 2014. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *Câmara Cascudo, o Quase Desaparecimento e a Situação Atual dos Indígenas no Rio Grande do Norte*. João Pessoa: Mídia, 2015. In. <https://www.researchgate.net>.

SALES, André Valério. *Arez/RN: História e Política*. João Pessoa, Editora Mídia, 2017. In. <https://www.researchgate.net>.

SCHIFFER, Cláudia. “Um sonho dourado – Entrevista”. *Veja*. São Paulo: Abril, semanal, 10/07/1996.

SILVA, Marcos. “Desafios para ensinar sobre a II Guerra”. *Diário de Natal-Educação*. Natal: EdDN, 25/09/2004.

SIQUEIRA, Cleantho Homem. *Guerreiros Potiguares: O Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial – Memórias*. Natal: EdUFRN, 2001.

SMITH JÚNIOR, Clyde. *Trampolim da Vitória*. Natal: EdUFRN, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. “Prefácio”. in. RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 10ª ed. Vol. I. Rio de Janeiro: Record, 1977.

SOUZA, Itamar. *O Impacto da II Guerra em Natal*. Natal: Gráfica Diário de Natal, 1999. (Série “Diário do Rio Grande do Norte”, nº 6).

_____. *Câmara Cascudo: Vida & Obra*. Natal: Gráfica do Diário de Natal/Projeto Ler, 1998.

SPIELBERG, Steven. “Quero barulho! – Entrevista”. *Veja*. São Paulo: Abril, semanal, 25/02/1998.

TOLAND, John. *Adolf Hitler*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. (trad. Henrique Mesquita). 2 Vol.

TOTA, Antonio Pedro. “Natal: a guerra que não houve – Os planos para a invasão do Rio Grande do Norte”. *Diário de Natal-Educação*. Natal: EdDN, 2004.

_____. *O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRINDADE, Sérgio B. & ALBUQUERQUE, José G. *Subsídios para o Estudo da História do Rio Grande do Norte*. 2ª ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

FONTES:

- Jornais:

***Diário de Natal:**

Diário de Natal. Natal: EdDN, 25/09/2004.

- Filmes:

For All: O Trampolim da Vitória (Brasil, 1997), Diretores: Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz.